

# Desfazendo um erro histórico

OSÓRIO CESAR E NÃO MARIO DE ANDRADE EM TARSILA DO AMARAL

Guido Arturo Palomba



Tarsila do Amaral, *Operários*, 150 x 205 cm, 1933. Recorte, acervo Governo do Estado de São Paulo.

Tarsila do Amaral foi uma das figuras centrais do movimento modernista no Brasil. Produziu obras icônicas, entre elas, *Abaporu*, *A Negra* e *Operários*. É sobre esta última que vou falar para desfazer um erro histórico, exposto adiante.

A primeira vez que me deparei com o quadro foi no Palácio do Governador, em Campos do Jordão. Estava lá exposto e faz parte do acervo do Estado de São Paulo. Retrata mais de quarenta rostos e apenas um deles tem óculos. E este não é o de Mario de Andrade, como soem dizer, mas o de Osório Thaumaturgo Cesar, o imenso Osório Cesar (1895-1979), psiquiatra pioneiro da arteterapia no Brasil, bem mais importante (porém menos conhecido) do que Nise da Silveira.

Desde muito jovem foi trabalhar no Hospital de Juquery, onde criou a Escola Livre de Artes Plásticas. Amigo dos artistas, dos loucos em geral, grande terapeuta, próximo de Freud e de Jung, apreciava música, pintura e escultura, casou-se com Tarsila do Amaral, com quem viajou para a Rússia. Ficaram cerca de três anos juntos, o suficiente para impressionar a modernista para o resto de sua vida. Tarsila passou a dar conteúdo social às suas obras, como em *Operários*.

O fato de serem que o de óculos é Mario de Andrade, escritor, um dos pioneiros da dita poesia moderna, deve-se a este ter sido do círculo íntimo da artista. Porém, a semelhança de Mario com o rosto do quadro é tão somente os óculos redondos e nada mais.



Grafite sobre papel, 38 x 52 cm, assinado canto inferior direito, 1933 (arrematado no leilão citado por 1,2 milhão).



Recorte e ampliação de grafite sobre papel, 38 x 52 cm, 1933.

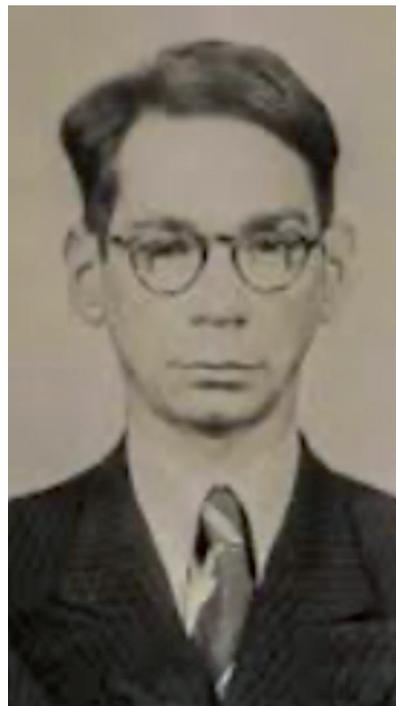
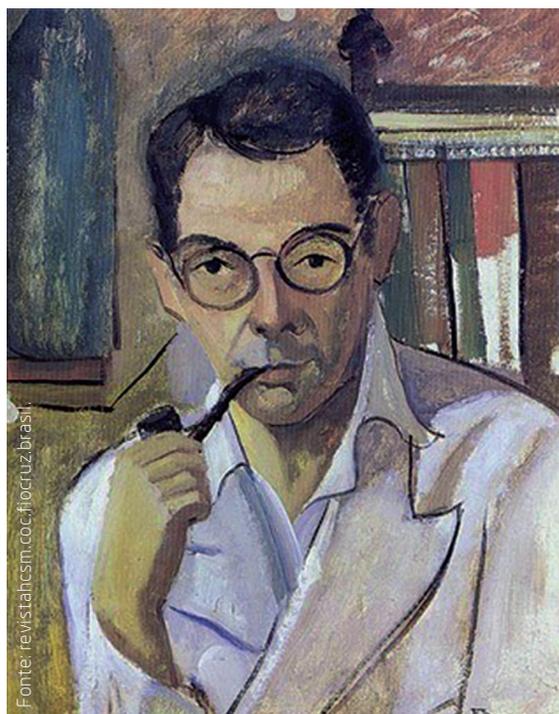


Foto extraída da ficha funcional: Assistência Geral a Psicopatas, Hospital de Juquery, 6 de dezembro de 1937.



Retrato de Osório Cesar, pintado por Francisco Rebolo, 51 x 41 cm, óleo sobre papelão, 1939, coleção particular.

Recentemente veio a público, no leilão da massa falida do Banco Santos, de Edmar Cid Ferreira, realizado pelo efficientíssimo James Lisboa (amigo dedicado da AMP), estudo de Tarsila para o quadro *Operários*, um grafite sobre papel, de 38 x 52 cm.

Comparando-se a imagem em comento com outras duas de Osório Cesar (uma fotografia do Hospital de Juquery e um retrato feito por Rebolo), creio ficam dissipadas as dúvidas sobre se é ou não o psiquiatra que Tarsila pintou. Basta olhar para confirmar.

---

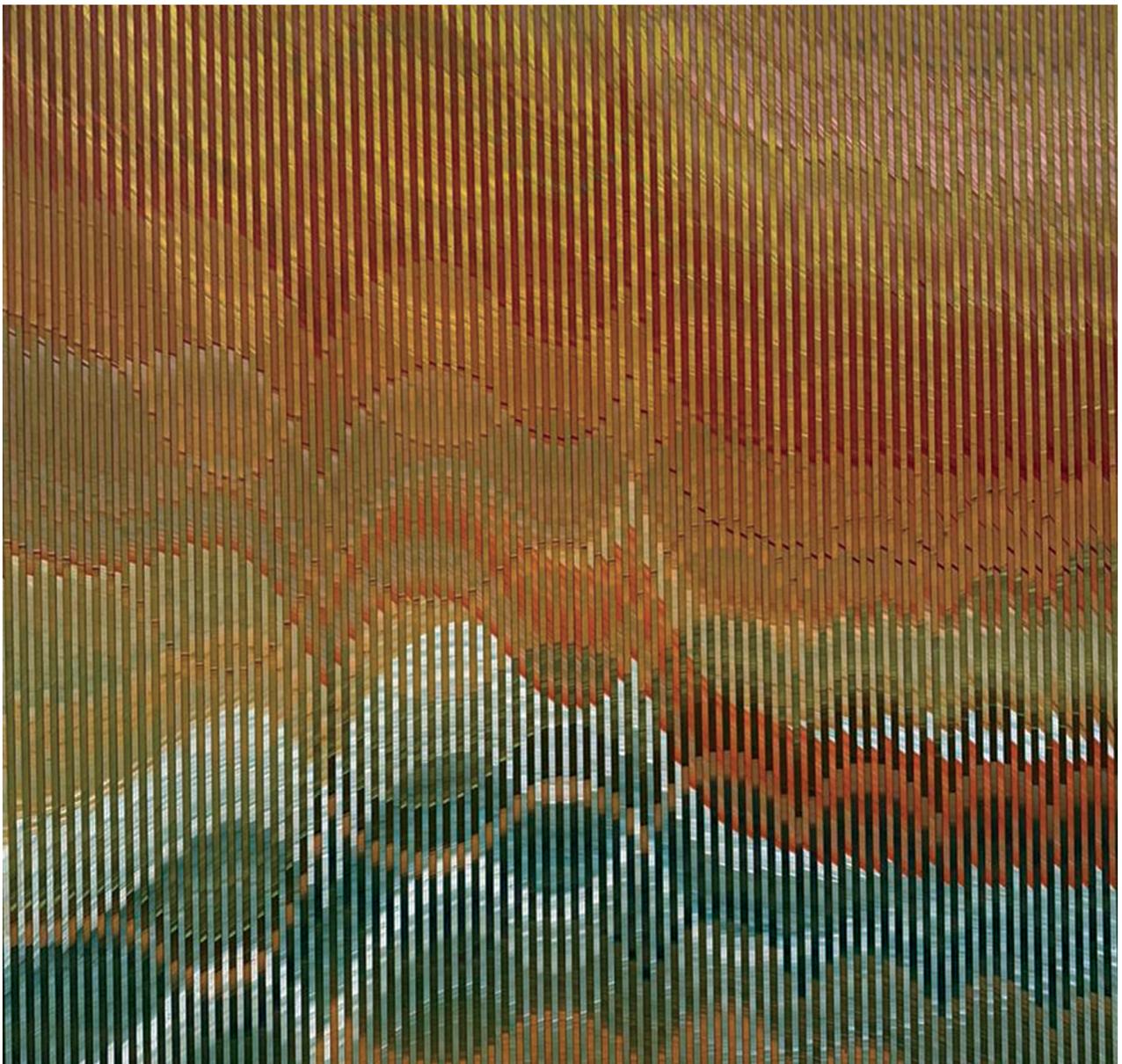
**Guido Arturo Palomba**

Diretor Cultural Adjunto da APM.

# Abraham Palatnik

ARTE E LOUCURA

**Fabia Cilene Dellapiazza**



Abraham Palatnik, título: W 272, acrílica sobre madeira, 55,5 x 59 cm, ano 2009, coleção particular.

## Ao longo da história, os caminhos da arte e da loucura vez ou outra se cruzaram e arrisco afirmar que ainda se cruzam!



Fonte: Arcevo pessoal.

Abraham Palatnik.

Autores e obras, sobretudo a linguagem não verbal de suas produções, demonstram uma pitada de seus cernes em cada trabalho concluído.

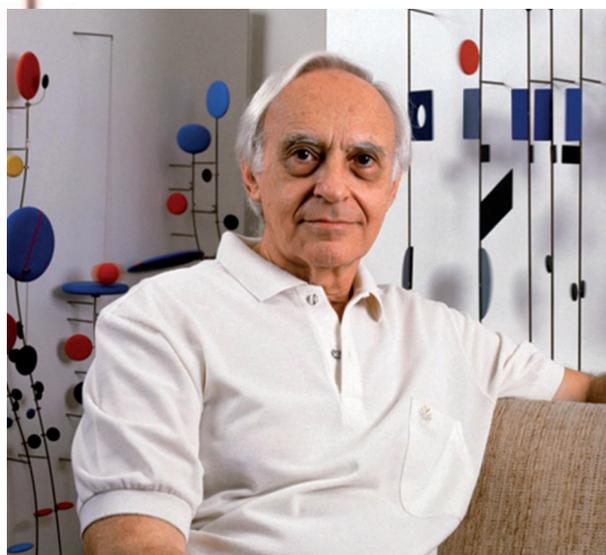
Particularmente, meu olhar clínico como profissional da área de saúde mental e apreciadora da arte me conduz a visualizar traços recheados de comunicantes entre autor e obra; sentimentos que vão da fisiologia de um *insight* aos traços repletos de sintomatologia, valorizando o contexto no qual aquela obra foi realizada. Por isso, acredito que a arte é um recurso terapêutico a ser utilizado, pesquisado e adotado na prevenção e no tratamento de transtornos mentais.

Um desses autores é Abraham Palatnik, artista plástico, considerado um dos pioneiros mundiais da arte cinética. Nasceu em Natal (RN) no ano de 1928, viveu em Tel Aviv, Israel, entre os anos de 1943 e 1947, onde iniciou os estudos em artes, e transitou entre as aulas de pintura, escultura e história da arte.

De volta ao Brasil, fixou residência no Rio de Janeiro, onde viveu até 9 de maio de 2020. Palatnik morreu em consequência das complicações da COVID-19, aos 92 anos de idade.

O artista deu movimento à arte denominada na década de 1950 de arte cinética. Palatnik não se considerava integrante dos grupos concreto e neoconcreto que agitavam o território das artes plásticas ao longo daqueles anos, apesar de ter participado de algumas de suas exposições.

Em 1960, realizou exposição individual no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ), e em 1964 participou da XXXII Bienal de Veneza, além de exposições em galerias privadas em Paris e Ulm, na Alemanha.



Abraham Palatnik.

Em 1965, participou da III Bienal Americana de Córdoba. Seus trabalhos integraram as bienais de São Paulo ao longo dos anos 1950 e 1960 e as grandes retrospectivas de arte brasileira realizadas entre os anos 1970 e 1990.

Paralelamente às atividades artísticas, desenvolveu projetos de máquinas para a indústria e na área de desenho industrial. Porém, atuar junto aos internos do Hospital Psiquiátrico Pedro II (Rio de Janeiro), foi uma de suas obras mais incríveis e talvez pouco divulgada. Ele trabalhou ao lado de Almir Mavignier e de outros artistas, atuando como "didata" junto aos internos do Serviço de Terapia Ocupacional e Recreativa da instituição, no subúrbio carioca do Engenho de Dentro. Os internos apresentavam diagnósticos psiquiátricos, porém eram artistas natos que tiveram o privilégio de estar ao lado deste grande SER HUMANO e artista que foi Abraham Palatnik.



## A arte vem sendo objeto de estudo e empregada nas diferentes modalidades como forma de expressão não verbal na terapêutica de indivíduos acometidos por doença mental.

A arte vem sendo objeto de estudo e empregada nas diferentes modalidades como forma de expressão não verbal na terapêutica de indivíduos acometidos por doença mental. Considero a congruência entre ela e a psiquiatria uma união estável; tão estável que suas trajetórias se entrelaçam ao longo da história de ambas as ciências.

---

### Fabia Cilene Dellapiazza

Terapeuta Ocupacional com aprimoramento em Saúde Mental.  
Especialista em Acupuntura e Arteterapia.

## MEDICINA À DISTÂNCIA (TELEMEDICINA)

### Lybio Junior

Medicina à distância é, na arte da cura, uma modalidade que o médico sempre praticou, pois, em papiros e pergaminhos, desde a antiguidade, algum tratamento a alguém distante orientou.

Mais tarde, o telégrafo, em batalhas, para orientar condutas, também usou, impedindo que cometesse falhas, a quem, ensinando como agir, telegrafou.

Com o invento de Graham Bell, sua atuação distante só aumentou cumprindo, até de madrugada, abnegado, o seu papel, quando, tantas mães aflitas, pelo telefone, tranquilizou.

Com o advento da internet, do celular, do WhatsApp, *et cetera* e tal, ainda mais pôde à distância atuar, auxiliando seus pacientes, dentro e fora do hospital.

Então, a telemedicina, para o médico dedicado, não é nenhuma novidade, apenas, um recurso a mais utilizado, como se viu, desde a antiguidade.

Entretanto, é preciso ter cuidado, nem tudo é possível no plano virtual, especialmente o toque e o calor humano, nem o médico deve restar, por ela, escravizado.

Que ela seja um instrumento útil e eficiente, continuando só uma ferramenta de seu arsenal. Mas, na arte da cura, em benefício do paciente, que ele permaneça sempre o dirigente pensante, atuante, independente e soberano.

# Pandemia, pobreza e criminalidade

**Ricardo Cardozo de Mello Tucunduva**

Os policiais costumam dizer que a melhor Polícia do mundo é o frio e a chuva. E, realmente, basta chover, ou fazer frio, para que as pessoas fiquem em casa. Com menos gente na rua, os infratores também se retraem, e a consequência disto é uma queda nos índices da criminalidade, especialmente dos crimes contra o patrimônio.

Em tempos de pandemia, acontece coisa semelhante. Os meios de comunicação têm noticiado que diminuiu o número dos furtos e dos roubos, exatamente por que – como quando chove ou faz frio – há menos gente zanzando pelas ruas.

É ótimo saber que, com a pandemia, diminuíram os crimes contra o patrimônio, mas, paralelamente a isso, com a obrigatoriedade do confinamento domiciliar, houve a retração da economia, aumentou o número de pessoas desempregadas, o dinheiro rareou e a população empobreceu, de sorte que, segundo alguns, haveria a possibilidade de que o número dos crimes contra o patrimônio volte a crescer, atingindo patamares altíssimos, ainda maiores do que aqueles anteriores à pandemia.

Não é essa a minha expectativa.

Sabe-se que os estudiosos da Criminologia, ao longo do tempo, têm procurado classificar os criminosos, e isto não é tarefa simples. Preferi ficar com a classificação adotada por Guido Arturo Palomba, que é um misto daquelas criadas por Hilário Veiga de Carvalho e por Candido Motta Filho. Segundo essa classificação, há cinco espécies de criminosos: o louco, o fronteiriço, o habitual, o ocasional e o impetuoso.

Vamos, então, analisar se a falta de dinheiro, se a pobreza, pode mesmo influenciar decisivamente na prática de crimes.

- Tenho que a primeira espécie de criminoso, o louco, comete crime porque é louco, independentemente de ser pobre, ou rico.

- A segunda espécie de delinquente, o fronteiriço, aquele que se situa no limite entre a imputabilidade penal e a inimputabilidade, também comete crime porque é um condutopata, não porque é pobre, e nem porque é rico.
- A terceira espécie de infrator, o habitual, comete crime porque é um criminoso nato, que pode ser pobre, ou rico, tanto faz.
- A quarta espécie de criminoso, o ocasional, pode, sim, cometer o delito em virtude de estar sem dinheiro, mas também pode cometer o crime, mesmo sendo rico.
- A quinta e última espécie de delinquente é o impetuoso, que também pode cometer a infração por não ter dinheiro, assim como poderia delinquir mesmo sendo pessoa abastada.

Do que acabo de afirmar posso concluir que o indivíduo delinque não porque seja pobre, nem porque seja rico. O criminoso age porque não tem caráter. Se assim não fosse, ficaria inexplicável a ocorrência dos chamados "crimes do colarinho branco", perpetrados por pessoas bem situadas na sociedade, assim como ficaria sem explicação o fato incontestável de a esmagadora maioria das pessoas que mora nas favelas não ser composta de criminosos, mas sim de gente honesta e trabalhadora.

---

**Ricardo Cardozo de Mello Tucunduva**

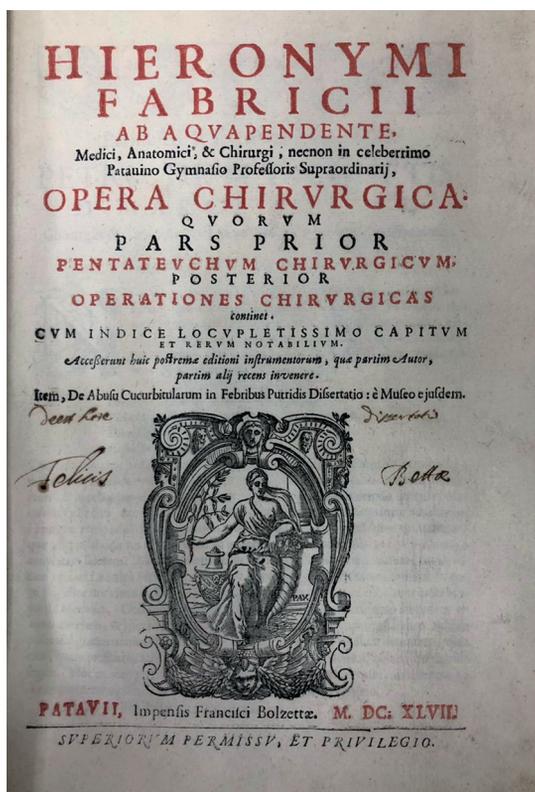
Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo.

Bacharel, Mestre e Doutor em Direito. Presidente do Instituto Internacional de Estudos de Política Judiciária – INTERPOJ.



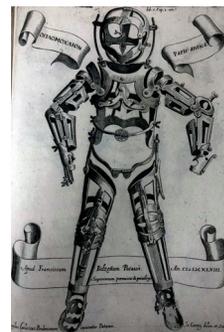
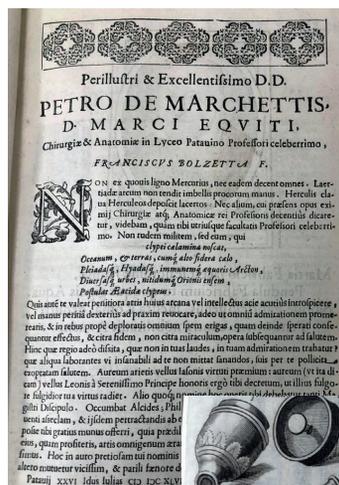
## coluna do livro

### Opera Chirurgica



Trata-se de verdadeira preciosidade editada no ano de 1647 pela *Imprensis Francisci Bolzettae, Patavii* (região do Vêneto, hoje Pádua), de autoria de Hieronymi Fabricii.

A obra é maravilhosa, em cinco tomos, que contém, além do índice por matéria, o *pentateucho contentarum*, com o conteúdo dos cinco livros em ordem alfabética, ou seja, índice remissivo em pleno meados do século XVII, facilitando a consulta.



Passou por restauro, muito bem feito, está em excelente estado; porém, a capa original não foi mantida. Lê-se na página de guarda que pertenceu a "Joannes Ricardus Hunter, chirurgus", e o ano de 1661, tudo escrito à mão, o que não se confunde com John Hunter, nascido um século depois. Tamanho: 34 x 24 cm, com riquíssimas e curiosíssimas ilustrações dos instrumentais cirúrgicos da época. Número de páginas: 392.

O extraordinário livro é doação do ilustre Membro Honorário da Academia de Medicina de São Paulo, Dário Birolini, em setembro de 2020.

As homenagens especialíssimas da APM ao importante cirurgião Dário Birolini por sua preciosa doação, doravante à disposição dos sócios, na Biblioteca.

#### Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural Adjunto da APM.

#### DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:** Ivan de Melo Araújo

**Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

**Conselho Cultural:** Duílio Crispim Farina (*in memoriam*)

**Cinematca:** Wimer Bottura Júnior

**Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

#### Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.